

ÁGORA, Porto Alegre, Ano 6, Mar.2015.

ISSN 2175-37

O ADOLESCENTE NÃO LEITOR: UM DESAFIO PARA A BIBLIOTECA ESCOLAR

Rochele Marcello da Silva Schott



Este é um relato do projeto de pesquisa-ação que foi elaborado buscando desacomodar aquele aluno já alfabetizado, estudante dos anos finais do Ensino Fundamental; mas que não lê. As atividades aqui descritas vêm sendo realizadas na Biblioteca Recanto do Pensamento, na EMEF José Mariano Beck.

Por entender a não leitura como uma ação pedagógica a ser superada, busquei recursos na perspectiva psicopedagógica. No planejamento, foram investigadas: a “queixa dos professores”, o histórico escolar deste grupo de alunos e propostas de leitura que tirassem o estudante adolescente deste lugar de não leitor. Pensei, então, em propor aos alunos leituras a partir de atividades lúdicas como pretextos rumo ao texto.

A ideia era envolver o aluno adolescente numa dinâmica para ele chegar ao texto sem sentir, realizar leituras e expressar suas impressões a respeito do que lhe foi provocado. A expectativa ainda é de que o aluno não apenas leia na biblioteca escolar, como também tenha vontade de levar um livro para casa ao final da atividade. Para isso, utilizei a Psicopedagogia para entender quem era esse aprendiz; quais fatores contribuíam para a sua não leitura; em qual nível leitor ele se encontraria; e de que recursos psicopedagógicos eu poderia dispor para a efetivação de um projeto de formação de leitores.

Os registros de atendimento da Biblioteca Recanto do Pensamento apontavam que os alunos ,a partir do 5º ano do Ensino Fundamental: levavam menos livros para ler em casa; frequentavam pouco a biblioteca do que nos Anos Iniciais; eram levados oficialmente à

biblioteca quando faltava um professor, como tarefa de substituição da aula; não tinham um professor como mediador de leitura; e, às vezes, eram solicitados a fazerem um fichamento de um livro literário por trimestre.



Outras constatações se referem a uma enorme divergência entre concepções de alfabetização entre as professoras dos Anos Iniciais e os professores dos Anos Finais, pois estes consideram seus alunos analfabetos. As professoras de Anos Iniciais alegam que alfabetizam, sim, e que o trabalho de pós-alfabetização é que não é praticado. Segundo Vera Teixeira de Aguiar ,

“(...) aqueles que se envolvem com a educação das crianças e jovens precisam estar cientes de seu papel na formação de leitores e, principalmente, ser também leitores. Isso porque só transmitimos um valor quando o introjetamos, quando estamos convencidos de sua importância. Assim, quem não lê não pode incentivar outros a lerem.” (2001, p.7)

Para buscar respostas e mudar esta realidade, tracei os seguintes objetivos: desacomodar o aluno adolescente do lugar de “não leitor”; oportunizar vivências que envolvessem leitura através de atividades lúdicas e artísticas; estimular o ato de levar um livro para casa; incentivar a leitura e o gosto pelas Artes; exercitar a oralidade através de relatos das impressões do texto lido; sensibilizar os adolescentes por meio de textos que atendessem as dramáticas apresentadas pela turma em que se inserem.

Mas que leitura e que leitor? Neste projeto, considero texto toda produção cultural que conte uma história, ainda que esta esteja inclusive na imaginação do leitor em formação, como é o caso das leituras de imagens. Assim, trabalho não só com todo gênero escrito (narrativas, poesias, teatro), como também com filmes, esculturas, pinturas e música.

Meu leitor aqui é considerado um ser ativo, inserido socialmente e construtor de um repertório cultural, não por erudição, mas por atitude política de perceber-se como parte da humanidade. Tendo direito a sua herança cultural e sendo também agente dessa produção.

Ser leitor dá trabalho. Inicialmente, o texto ficcional promove certa desordem interior, provocada por uma história que não sabemos onde vai dar ou se irá nos interessar. Vencida esta etapa, surge outra: das identificações. É

laborioso não se incomodar com aquele personagem que desperta sentimentos paradoxais de amor e ódio, quando, na verdade, descobrimos que ele dialoga com um pedaço tão parecido de nós mesmos. Não, não é fácil ler literatura. Não passamos impunes por ela e, às vezes, dói. Será que vem sendo dado espaço para que os leitores possam falar dessas dores? (LOIS, 2010, p. 64)

Numa perspectiva psicopedagógica, esse espaço pode ser dado através da expressão da oralidade e da corporeidade, com debates e dramatizações nos encontros na biblioteca escolar. O formador de leitores tem que se ver como um grande leitor, de livros, de artes, de pessoas e de situações. Tem que se saber gente e fazer sua mediação com entusiasmo.

O atendimento aos alunos na Biblioteca Recanto do Pensamento ocorre por agendamento quinzenal, para dar conta não apenas do incentivo à leitura como também do processamento técnico próprio de bibliotecas. Atendo em dois turnos diretamente (do Jardim B até o 9º ano, pela manhã e Jardim B até o 5º ano, à tarde) e um indiretamente (EJA – noturno).



As turmas de 6º ao 9º ano iniciaram o ano letivo sem professoras de Língua Portuguesa até o mês de junho. A biblioteca era usada como atividade de substituição desses períodos, deixando disponíveis três períodos semanais com cada turma de 8º e 9º ano para eu trabalhar com quatro turmas. Essa regularidade de tempo permitiu a aplicação deste projeto de formação de leitores.

Quando os alunos chegavam à biblioteca não sabiam o que fazer ali, não demonstravam autonomia nem interesse pelos livros. Era necessária uma intervenção pedagógica para não se perder a oportunidade, nem permitir que os alunos ficassem ociosos naquele espaço.

A primeira etapa desta pesquisa-ação foi o levantamento do perfil dos alunos, que se caracterizaram como: com histórico de reprovações e ou evasões com retornos, por isso há alunos “fora de idade” ainda no Ensino Fundamental; a alfabetização não aconteceu no primeiro ano de escolaridade; na leitura oral, a fluência era lenta e sem entonação (às vezes silabada, cansativa e isso dificulta a compreensão textual); havia um constrangimento em se fazer leituras coletivas em voz alta; pais analfabetos; o histórico familiar de fracasso escolar institui uma cultura de identificação cuja ruptura é dolorosa e, às vezes, só conseguida pelos

mais resilientes; as estruturas familiares fragilizadas, provocando outras organizações sociais das comunidades, cujo sentimento de sobrevivência impede que se perca a “fama de mau”, levando o adolescente a negar sua participação em atividades culturais como a leitura.

A segunda etapa foi o levantamento de quais assuntos poderiam atrair a atenção dos adolescentes. Algumas temáticas se apresentavam nos diálogos informais do grupo: namoro, sexualidade, valentia, autoestima, racismo, negritude, homofobia, violência sexual, justiça, roubo, armamento, tráfico, ser morador de vila. Nesses “relatos informais”, ficava clara a questão dos segredos e das dramáticas. Com o levantamento, já era possível definir que leitura para estes leitores.

Era preciso, então, selecionar textos que eles pudessem acompanhar e ler. Mas também os alunos demandavam uma instrumentalização para poderem compreender as histórias, interpretar seus signos e embasar debates e inferências. Era óbvio que eu não poderia chegar ali com um livro cru, numa aula fria e monótona. Então, mais uma vez, usei a Psicopedagogia para buscar a ludicidade nessa tarefa de resgate de leitores. Era necessário um pretexto para a leitura. A provocação seria fazê-los ler sem sentirem. Assim, planejei oficinas oportunizando diferentes suportes para leituras (de palavras e de imagens), análises e variadas expressões dos alunos, nos encontros na biblioteca escolar. Trabalhamos com o jogo simbólico entre palavra e imagem que contassem uma história (livro de contos, música, filme, peça de teatro, reproduções de pinturas e esculturas). As Artes foram pensadas para este projeto, tanto para sensibilização dos adolescentes como para apropriação desses bens culturais da humanidade. Para que as oficinas tivessem uma dinâmica, planejei um diálogo entre obras (intertextualidades) para oportunizar a abordagem das temáticas em diferentes suportes.

Outra forma de expressão planejada foram leituras compartilhadas entre os alunos para fazerem dramatizações. Apropriarem-se da personalidade de outro, expressarem sentimentos através das alegrias e dores dos personagens dos contos, vem rendendo boas leituras. Descentrar-se através do teatro é um ótimo exercício de catarse para esses adolescentes. Contribuiu também na questão da entonação nas leituras.

Em cada encontro há uma rotina: Hora do Conto – Expressão – Leitura livre – Empréstimos. Incentivo o **LI & RECOMENDO**: cada aluno prepara um marketing do livro que leu e deixa na biblioteca como indicação para outros alunos. Vamos às práticas, com a realização das seguintes atividades:

1. “Quem conta um conto aumenta um ponto”: **BRANCA DE NEVE** e suas versões (literatura e Cinema).

2. Buscando oportunizar a expressão corporal. Uso textos com diálogos para que cada aluno faça a interpretação vocal de um personagem, observando palavras que indicam o sentimento, a personalidade, o modo de se comportar para fazermos a sua composição (literatura e teatro). É dada uma cópia do texto para os alunos acompanharem a hora do conto. Solicito que os alunos pensem em como traduzir o texto em imagens para dramatização com as seguintes propostas: se fôssemos encenar este conto, o que não poderia faltar no cenário? Como seriam as roupas de cada personagem?

3. **“INVESTIGAÇÃO CRIMINAL”**: nesta atividade, a turma foi dividida em quatro grupos, cada um com livro “JOÃO & MARIA”, FTD. Cada grupo recebe um envelope com um dos personagens: PAI –MADRISTA – BRUXA - JOÃO & MARIA. Brincando de CSI ou Detetives, devem ler o conto e fazer levantamento de crimes que o seu personagem do envelope cometeu na história. Apresentam para debate.

4. **JOGO DOS VILÕES**: mostro imagens de alguns vilões de filmes e animações cinematográficas por meio do aparelho *data show* da biblioteca. Os alunos devem dizer o nome de cada vilão. Não vale a história nem o filme! Apresento um texto que explica a origem da palavra VILÃO. Ofereço-lhes livros que mostram os antigos feudos (coleção Povos do Passado, da Melhoramentos). Peço que cada adolescente desenhe três vilões, indicando nome, história da qual saiu e qual sua vilania. Cada um apresenta seus vilões favoritos para a turma. Provocamos um debate sobre ética X estética.

5. **QUEM PINTOU?** Sem nomear, entrego diferentes gravuras de Cândido Portinari e Tarsilla do Amaral para os alunos olharem livremente e darem suas impressões sobre elas. Solicito que analisem e façam classificações do tipo: quem desenhou? Homem? Mulher? Criança? Explicando o porquê de suas impressões. Identificamos as obras, pintores e fases. Lemos as biografias de Cândido Portinari e Tarsilla do Amaral (Aranha e Acedo, 2002). Debates sobre as histórias de vidas parecidas de pessoas de origens familiares diferentes.

6. **LENDAS DE PAÍSES DA COPA DO MUNDO**. Durante a Copa do Mundo, continuei a abordagem acerca de origens e culturas diferentes, mas com semelhanças. Para este projeto, trabalhei as seguintes lendas: Maria Degolada (Brasil), com a leitura do livro de Caio Riter em dois capítulos; Maria Angula (Equador); Bloody Mary (Estados Unidos), hora do conto e exibição do vídeo do episódio 5, da 1ª temporada da série Supernatural. Debates sobre os sentimentos provocados pelas lendas (pena, raiva, injustiça, inveja, ingratidão, curiosidade, nojo, medo). Esse projeto já abriu as portas para o de Folclore.



Essas foram algumas das atividades propostas aos adolescentes para incentivá-los a ler. Uma de nossas conquistas é a formação de um grupo de contadores de histórias, composto por alunos de diferentes turmas e ciclos. Não se pode desconsiderar todos os fatores que interferem na não leitura dos alunos na hora de avaliá-los. Às vezes, falta esse olhar dos professores de área que acabam condenando o de Língua Portuguesa a um trabalho desesperado, monótono e desestimulante para o aluno. Lois adverte (2010, p. 35) que: “Dar utilidade para o texto literário, antes de permitir o encontro [do estudante] com a arte, é sabotar o leitor (...)”. Além de limitarem as possibilidades de leitura a textos escritos, esquecem-se de trabalhar com diferentes linguagens, suportes e outras artes. Segundo Maria Helena Martins (2012, p. 34):

(...) aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, seguindo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias.



A leitura é antes de tudo um ato comunicativo. O que nos faz pensar: será mesmo possível, num mundo de tantos estímulos, não ler? Quem já não se deparou com um interlocutor que, em invés de olhar em seus olhos, olhava-o de cima a baixo, lendo seu penteado, sua roupa, seu calçado ou seu gestual? Há de se ter muito cuidado ao avaliar e julgar um aluno adolescente como analfabeto. Quando um professor não acredita no seu aluno nem no seu trabalho nem no de seus colegas, todos estão fadados ao fracasso. É preciso ser um leitor para formar leitores. Não é logo após a alfabetização que encontraremos um leitor literário. Entre eles, existe um longo caminho a percorrer: o letramento literário, que se faz com a sensibilização e mediação de produções culturais da humanidade, instrumentalizando o aluno para a leitura e a compreensão da palavra.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. (coord.) **Era Uma Vez na Escola...** Formando educadores pra formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- ARANHA, Cecília; ACEDO, Rosane. **Encontro com Tarsila**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2002.
- ARANHA, Cecília; ACEDO, Rosane. **Encontro com Portinari**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- LOIS, Lena. **Teoria e Prática da Formação de Leitores**: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: ARTMED, 2010.